

A Metamorfose de Kafka

Profª Drª Jurema Oliveira (UFES) ¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é ler em *A metamorfose* as marcas insólitas que denunciam a degradação humana.

Palavras-chave: transformação, degradação e insólito

É importante que fiquem claras duas coisas: A arte vive das questões. A ciência vive dos conceitos (mesmo que incertos na sua certeza matemática). Tanto as questões como os conceitos são importantes para o ser humano, como são importantes o cientista e o poeta, como é importante a cotidiana realidade e a cotidiana ‘utopia’ (CASTRO, 2007, p.15).

A obra *A Metamorfose* de Kafka nos permite trilhar imagetivamente a degradação humana. O personagem central – Gregor Samsa – desperta em sua cama metamorfoseado em um inseto. Incapaz de agir como humano, ele se vê preso a uma existência inferior, desconhecida e insuperável. Diante da impossibilidade de mudar sua condição, Gregor Samsa permanece trancado, acuado do mundo e da própria família.

A leitura dessas questões pode ser desenvolvida a partir de alguns caminhos estabelecidos por teóricos como Carpentier, Todorov e outros que se dedicaram a construir princípios norteadores para dar conta daquilo definido como estranho, irreal.

Para Carpentier, o maravilhoso constitui-se na modificação da realidade. Assim, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé, uma crença. Os que não acreditam em santos não podem curar-se com milagres de santos:

(...) o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação inabitual ou especialmente favorecedora das inadvertidas riquezas, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de ‘estado limite’. (Alejo CARPENTIER, 2009, p. 9).

De acordo com Todorov, o fantástico situa-se no limite entre o Maravilhoso e o Estranho. Este subgênero sofreu mudanças significativas na passagem do século XIX para o XX:

O século XIX vivia, é verdade, numa metafísica do real e do imaginário, e a literatura fantástica nada mais é do que a má consciência deste século XIX positivista. Mas hoje, não se pode

¹ OLIVEIRA, Jurema. Pós-Doutora em Letras pela UFF e Professora da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes.

mais acreditar numa realidade imutável, externa, nem em uma literatura que não fosse senão a transcrição desta realidade. As palavras ganharam uma autonomia que as coisas perderam. A literatura que sempre afirmou esta outra visão é sem dúvida um dos móveis da evolução. A literatura fantástica, ela mesma, que subverteu ao longo de todas as suas páginas as categorizações lingüísticas, recebeu com isto um golpe fatal; mas desta morte, deste suicídio nasceu uma nova literatura (TODOROV, 2008, p.176-7).

A “nova literatura” – capaz de comungar o Maravilhoso e o Estranho no século XX – pode ser explicitada com *A metamorfose* de Kafka:

Ao despertar pela manhã após ter tido sonhos agitados, Gregor Samsa encontrou-se em sua própria cama transformado num inseto gigantesco. Estava deitado de costas – endurecido tal qual uma couraça – e ao erguer um pouco a cabeça conseguiu ver seu ventre marrom e abaulado dividido em segmentos rijos arqueados, sobre os quais a colcha não se mantinha, estando prestes a escorregar completamente para o chão. Suas inúmeras pernas – miseravelmente finas comparadas ao resto do volume de seu corpo – agitavam-se desordenadamente ante seus olhos (KAFKA, s.d., p.7).

A abertura do livro nos coloca em contato com uma imagem insólita, sem explicações racional, religiosa ou científica. A transformação de Gregor Samsa é narrada sem nenhum destaque, como se aquele processo fosse normal, ou melhor, natural. Neste cenário insólito, por meio do grotesco, as personagens, o narrador, o escritor e o leitor pressentem que para além da ordem visível há a invisível, oculta, simétrica, ora torturante, ora orgástica.

As palavras pesadelo, absurdo, desespero e sofrimento são alguns termos que definem bem o universo kafkiano. A escrita desse autor apresenta um mundo com uma organização às avessas, desequilibrado. O cenário descrito em *A Metamorfose* não é extraordinário como aquele referendado no fantástico do século XIX e o ser fantástico é o próprio homem, mas não o homem religioso, espiritualizado e engajado, e sim, um homem acuado preso num corpo deformado. Logo: “O homem ‘normal’ é precisamente o ser fantástico; o fantástico torna-se a regra, não a exceção” (2008, p.181).

O estranhamento e a recusa em aceitar a presença de Gregor Samsa, no entanto, podem ser percebidos nas ações violentas de seu pai e da empregada que faz de seu quarto um depósito de tudo aquilo sem lugar nos demais espaços da casa. O pai de Gregor Samsa:

Atirou o boné – que tinha um monograma dourado, provavelmente o emblema de qualquer banco – com um movimento amplo, fazendo-o atravessar toda a sala e indo cair no sofá, e com as abas do casaco viradas e as mãos nos bolsos da calça, avançou para Gregor com uma expressão cruel. Era bem provável que não soubesse o que pretendia fazer, seja como for, ergueu o pé numa altura incrível e Gregor estupefocado encontrou-se por baixo daquelas solas enormes de seus sapatos

(KAFKA, s.d., p. 58-9).

A atitude do pai denota um total descaso com a condição de Gregor Samsa, mas aos poucos Gregor Samsa comprovará que se tornara um hábito da família fazer de seu aposento um quarto de despejo:

Todos os objetos eram destinados ao quarto de Gregor, até mesmo a lata onde guardavam cinzas e a de lixo. Qualquer coisa que no momento não fosse necessária, era simplesmente atirada pela faxineira em seu quarto (...). Felizmente, ele habitualmente só via o objeto ali atirado e a mão que o segurava (KAFKA, s.d., p. 69-70).

No entanto, é importante destacar que a perda de controle sobre as questões do cotidiano de sua família ocorre apenas no plano físico, já que Gregor Samsa tem consciência de tudo o que se passa à sua volta. Como bem define Blanchot,

(...) é no espaço da morte que os heróis de Kafka cumprem suas atitudes, é ao tempo indefinido do ‘morrer’ que eles pertencem. Eles fazem a experiência dessa estranheza e Kafka também está neles, submetendo-se a tal provação. Mas parece-lhe que não poderá conduzir a experiência ‘a bom termo’, extraindo dela um conto ou romance, se não estiver de antemão de acordo com o momento extremo dessa provação, se não for igual à morte (BLANCHOT, 1987, p. 88).

Em um primeiro momento, o “espaço da morte” de que fala Blanchot afasta Gregor Samsa do mundo externo: das dívidas dos pais, do trabalho repetitivo e desumanizado. Metamorfosear-se, porém, não impede o personagem de pensar e se angustiar com a situação indefinida de sua família que durante os últimos cinco anos vivera de seu trabalho de vendedor viajante:

Além (...) [do] dinheiro que Gregor trouxera para casa todos os meses – costumava guardar apenas alguns dólares para seu uso – tinha sido poupado, atingindo agora a quantia de um capital modesto. Por trás da porta, Gregor agitava a cabeça veemente, regojizando-se com aquela prova de economia e previdência inesperadas. (...) Contudo aquele capital de forma alguma era suficiente para permitir que a família vivesse de seus juros (KAFKA, s.d., p. 43-44).

As preocupações do personagem traz à tona os questionamentos levantados por Blanchot : “Posso morrer? Tenho o poder de morrer?” (BLANCHOT, 1987, p.93). Assim, a partir da questão apresentada por Blanchot, podemos dizer que Gregor Samsa não se encontra pronto para efetivar a segunda morte, pois ainda se preocupa com as coisas práticas:

Bem, ainda resta uma esperança; depois de economizar o suficiente para pagar-lhe a dívida de meus pais – o que levará

ainda uns cinco ou seis anos – pedirei sem falta a minha demissão. E então sentir-me-ei completamente livre. E agora o melhor que tenho a fazer, é levantar-me, pois meu trem parte às cinco (KAFKA, s.d., p. 10).

Em *A Metamorfose*, o sobrenatural constitui-se, como já afirmamos anteriormente, no mote inicial, diferentemente dos textos fantásticos por excelência que apresentam no primeiro momento situações totalmente normais para só no futuro proporcionar ao leitor um cenário sobrenatural. Neste sentido, afirma Todorov: “as narrativas de Kafka dependem ao mesmo tempo do maravilhoso e do estranho, são a coincidência de dois gêneros aparentemente incompatíveis. O sobrenatural se dá, e, no entanto, não deixa nunca de nos parecer inadmissível” (2008, p.180).

A deformação do personagem vai promovendo pouco a pouco o aniquilamento da ideia de sujeito, pois Gregor Samsa se encontra totalmente ausente da condição de humano. Impossibilitado de se comunicar com seus familiares, coloca-se naquela condição pensada por Blanchot acerca da vocação humana:

A morte, no horizonte do humano, não é o que é dado, é o que há a fazer: uma tarefa, de que nos apoderamos ativamente, que se torna a fonte de nossa atividade e de nosso controle. O homem morre, isso não é nada, mas o homem *é* a partir de sua morte, liga-se fortemente à sua morte, por um vínculo de que ele é juiz, ele faz sua morte, faz-se mortal e, por conseguinte, confere-se o poder de fazer e dá ao que faz seu sentido e sua verdade (BLANCHOT, 1987, p. 93).

Sendo a morte no horizonte do humano “o que há a fazer”, na situação de Gregor Samsa torna-se a única saída, pois a partir do momento que ele perde sua humanidade, a experiência da morte é algo dado:

Os primeiros clarões estendendo-se sobre o mundo que ficava do outro lado da janela, invadiram mais uma vez suas faculdades de percepção. E então de livre e espontânea vontade, afundou a cabeça no chão e de suas narinas exalou-se um último suspiro débil e trêmulo (KAFKA, s.d., p. 81-2).

O vazio existencial a que foi submetido Gregor Samsa levá-o a se entregar à morte com o intuito de se libertar da sua condição animalésca e a família do peso de conviver com o estranho ser:

– E agora? – Perguntou Gregor a si mesmo, olhando à sua volta na escuridão. Logo depois descobriu que era incapaz de mover um só membro. Aquilo não o surpreendeu antes não lhe parecia normal que tivesse realmente podido movimentar suas perninhas tão fracas. De qualquer modo, sentiu-se relativamente bem. Verdade é que seu corpo inteiro doía, mas teve a impressão de que a dor ia diminuindo gradativamente e acabaria passando. A maçã apodrecera em suas costas e à sua volta a região inflamada que estava coberta de poeira, já mal o incomodava. Pensou em

sua família com ternura e amor. A decisão relativa ao seu desaparecimento, ele já a tomara muito mais energicamente do que a irmã – se isto fosse possível. E permaneceu naquele estado de meditação apática e serena, até o relógio da torre bater três horas da madrugada (KAFKA, s.d., p.81).

Com Kafka somos inseridos dentro de um cenário que oscila entre o Maravilhoso e o Estranho generalizado. O mundo do livro e o próprio leitor experimentam a possibilidade de serem colocados ao abrigo da morte como os grandes personagens históricos:

(...) os heróis, os grandes guerreiros, não menos que os artistas, colocam-se também ao abrigo da morte; entram na memória dos povos; são exemplos, presenças atuantes. Essa forma de individualismo logo deixa de ser satisfatória. Percebe-se que, se o que importa é, em primeiro lugar, o trabalho da história, a ação no mundo, o esforço comum pela verdade, então é ocioso querer permanecer para além do desaparecimento, desejar ficar imóvel e estável numa obra que sobrepujaria o tempo: isso é vão e, além disso, contrário ao que se quer. O que é preciso não é permanecer na eternidade preguiçosa dos ídolos, mas mudar, mas desaparecer para cooperar na transformação universal (BLANCHOT, 1987, p.91).

A *Metamorfose* representa de forma contundente a modernidade. O personagem central há muito deixou de viver sua própria existência para cumprir a função de provedor da família. No entanto, ele percebe que vive distante do convívio social, fora do círculo de afeição humana, é alguém massificado, submisso aos pais, ao gerente, ao chefe, ao tempo físico de um relógio e a si mesmo por ter escolhido uma profissão que não lhe agrada.

Neste sentido, Kafka descreve para o leitor um universo definido por Todorov como pertencente a todo o ser humano. Segundo ele: “É o leitor que sofre (...) o *processus* de adaptação: colocado inicialmente diante de um fato sobrenatural, acaba por reconhecer sua ‘naturalidade’” (TODOROV, 2008, p.181).

Em Kafka o fato sobrenatural não gera nenhuma hesitação, já que o mundo descrito é bizarro e fora da normalidade. Desta forma, encontramos na obra *A Metamorfose* uma inversão da literatura fantástica tradicional que postulava a existência do real, do normal para posteriormente atacá-lo violentamente: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2008, p. 31), mas Kafka consegue superá-lo.

O uso de uma linguagem impessoal, ora culta, ora coloquial, mas acessível ao leitor comum, a maneira lenta como a narração se desenvolve com um nível excessivo de descrição, a atmosfera e a agonia são os artifícios lingüísticos usados por Kafka. Esse mecanismo aproxima e diminui a distância entre o leitor e obra, causando indiscutivelmente um estranhamento grande no leitor, devido aos comportamentos serem tão humanizados que por vezes parecem desumanos. Como, por exemplo, a

atitude da faxineira quando encontra o corpo de Gregor Samsa:

Quando a faxineira chegou na manhã seguinte – com todo seu vigor e impaciência batia as portas com força, pouco se importando com os vários pedidos para que não fizesse aquilo, pois logo depois que chegava no apartamento ninguém podia continuar dormindo – não notou nada de anormal ao dar sua espiada habitual no quarto de Gregor. Pensou que estivesse deitado e imóvel de propósito, demonstrando assim seu mau humor. Ela atribuía-lhe todos os requintes de inteligência. E como estivesse perto da porta com a vassoura na mão, experimentou cutucá-lo com ela. Ao ver que aquilo não surtia efeito, provocou-o empurrando-o com mais força, e foi somente quando após tê-lo arrastado pelo chão, viu que não oferecia resistência, surpreendeu-se realmente. Não demorou muito a compreender a verdade, e de olhos esbugalhados soltou um assobio, e sem perder tempo escancarou a porta do quarto dos Samsa, gritando com toda a força de seus pulmões:
– Veja só! Aquilo morreu. Estava lá deitado bem morto e liquidado! (KAFKA, s.d., p.82).

O estranhamento da faxineira quando visualiza o corpo de Gregor Samsa imóvel, de certa forma também, atinge o leitor atento e curioso, mas com verdadeiros surtos de repulsa, aversão e incompreensão. Assim, a arte não é religião, mas em tempos de incertezas:

de desgraça que é o nosso, este tempo em que faltam os deuses, tempo de ausência e de exílio, a arte está justificada, porque é a intimidade dessa desgraça, é o esforço para tornar manifesto, pela imagem, o erro do imaginário e, em última instância, a verdade inalcançável, esquecida, que se dissimula por trás desse erro (BLANCHOT, 1987, p.78).

Um outro momento expressivo “de desgraça” é quando a mãe de Gregor Samsa se encontra com o filho:

(...) no mesmo momento em que se encontrou no chão, bamboleando-se e procurando reprimir sua vontade veemente de mover-se, encontrou-se não muito longe de sua mãe, aliás, bem em frente a ela que parecia completamente estarecida, e que erguendo-se num pulo com os braços e as mãos estendidas gritou:
– Socorro! Em nome de Deus, socorro (KAFKA, s.d., p.30).

O quadro pintado por Kafka em *A Metamorfose* revela a ideia de uma sociedade de horror, de recusa, deplorável, distorcida e desumana. De acordo com Stuart Hall, as mudanças processadas na modernidade geraram o esfacelamento da ideia de liberdade individual e de seus apoios estáveis presentes tanto nas tradições como nas estruturas, que mantinham o sujeito como “indivíduo soberano” com *status*, classificação e posição

reconhecida.

Sendo assim, desprovido de uma identidade que o individualize, o herói kafkiano experimenta a tríplice degradação: a degradação física – transforma-se num inseto; a degradação funcional quando perde seu trabalho; a degradação afetiva, a família se recusa a conviver com ele. O herói kafkiano não é um ser especial, mas um homem comum, vítima passiva das instituições ético-sociais, incapaz de atuar como agente transformador de uma situação injusta e degradável.

- 1 - BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- 2 - CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- 3 - CASTRO, Manuel António de. A questão e os conceitos. Rio de Janeiro: Travessia poética. Disponível em http://travessiapoetica.blogspot.com/2007_03_01_archive.htmlhttp://travessiapoetica.blogspot.com/2007_03_01_archive.html . acesso em 10/09/2010.
- 4 - HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- 5 - KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Nova Época, s.d.
- 6 - TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.